

## ESTRATÉGIAS ENUNCIATIVAS EM POEMAS DE MANOEL DE BARROS

**Jéssica Cristina Celestino** (jessica.celestino@hotmail.com)  
Universidade de Franca (UNIFRAN)  
Franca, São Paulo, Brasil

**Vera Lucia Rodella Abriata** (vera.abriata@unifran.edu.br)  
Universidade de Franca (UNIFRAN)  
Franca, São Paulo, Brasil

**Resumo:** Este trabalho analisa dois poemas de Manoel de Barros, “Poema” e “Sobre importâncias”, do livro *Tratado geral das grandezas do ínfimo*. Utilizamos o referencial teórico da semiótica francesa com o objetivo de analisar as estratégias utilizadas pelo enunciador na construção dos textos. Em ambos os poemas, o enunciador reflete sobre o fazer poético e sobre a relatividade do valor dos valores sociais. Desse modo, contrapõe seu saber sobre tais valores, que considera parco, ao saber de um Outro, generalizante e dogmático, que entendemos corresponder a uma voz social cujos valores estereotipados são objeto de ironia na instância da enunciação. Palavras-chave: Manoel de Barros. Semiótica francesa. Enunciação.

### ENUNCIATIVE STRATEGIES IN MANOEL DE BARROS' POEMS

**Abstract:** This article analyzes two poems by Manoel de Barros, “Poema” and “Sobre importâncias”, from the book *Tratado geral das grandezas do ínfimo*, through the theoretical framework of French Semiotics. We aim at analysing the strategies used by the enunciator in the construction of the texts. In both poems, the enunciator reflects on the poetic process and on the relativity of the value of social values. In this way, the enunciator opposes his knowledge of those values, which he considers scanty, to the generalizing and dogmatic knowledge of Another, which we understand

Artigo recebido em 25 maio 2015 e aceito em 26 jun. 2015.

to correspond to a social voice whose stereotyped values are the object of irony in the instance of enunciation.

**Keywords:** Manoel de Barros. French semiotics. Enunciation.

### **Considerações iniciais**

Este artigo analisa dois textos do poeta brasileiro Manoel de Barros constantes do livro *Tratado geral das grandezas do ínfimo* (2001), com base nos pressupostos teóricos da semiótica francesa. Os poemas, intitulados “Poema” e “Sobre importâncias”, manifestam temas comuns, pois neles o enunciador se volta tanto para a reflexão metadiscursiva sobre o fazer poético quanto para a exaltação das “grandezas do ínfimo”.

Manoel de Barros é poeta contemporâneo, cujo primeiro livro, intitulado *Poemas concebidos sem pecado*, foi publicado em 1937. No entanto, apenas nos anos 1980 suas obras passaram a ser mais conhecidas pelo público a partir de críticas e elogios recebidos de Antonio Houaiss e Millôr Fernandes, segundo Campos, (2007, p. 203-204). Apesar de não participar de grupos ou movimentos artísticos de forma programática, sua obra estabelece diálogos com vários autores precursores da modernidade na literatura europeia, como Charles Baudelaire e Jean-Arthur Rimbaud e, tendo em vista a literatura brasileira, com a prosa poética de João Guimarães Rosa, como podemos observar no poema número 8 do livro *Retrato do artista quando coisa* (BARROS, 1998, p. 33) em que há alusão ao escritor russo que nele se projeta como ator do enunciado (ABRIATA, 2013, p. 24).

Nosso objetivo é depreender as estratégias utilizadas pelo enunciador na construção dos textos. Para isso partimos do conceito de texto como objeto de significação – com base em uma análise que visa a apreender efeitos de sentido dos poemas a partir de sua estruturação interna – e como objeto de comunicação entre enunciador e enunciatário.

Pensando nos textos como objetos de significação, observamos aspectos de suas dimensões pragmática, cognitiva, figurativa, passional e enunciativa. No âmbito da dimensão pragmática, utilizamos elementos do percurso gerativo de sentido. Em relação à dimensão cognitiva, procuramos desvelar os saberes que o enunciador manipula nos textos. Na análise da dimensão figurativa, ressaltamos o modo como o sensível se concretiza nos poemas por meio da correlação entre figuras e temas neles apreensíveis. Tendo em vista a dimensão passional, procuramos apreender os estados

de alma do sujeito enunciador. Por fim, na dimensão enunciativa, nosso foco são as relações que se estabelecem entre a instância da enunciação e o discurso enunciado, pensando no texto como objeto de comunicação entre enunciador e enunciatário, simulacro do leitor. Nessa perspectiva, entendemos o leitor como “centro do discurso”, na medida em que é responsável pela reconstrução do texto no ato de leitura (BERTRAND, 2003, p. 24).

Outro objetivo deste trabalho é observar o modo como nos textos se revela a irrupção da estesia, tal como Greimas entende esse conceito na obra *Da imperfeição* (2002) em que elabora, conforme Barros (1999), “uma leitura semiótica da percepção estética ou do prazer estético”.

Essa reflexão sobre o prazer estético que a poesia manifesta é perceptível em grande parte dos poemas de Barros, que apresentam um caráter metadiscursivo. Nossa hipótese é que o enunciatário-leitor, ao entrar em contato com os textos do poeta pantaneiro, depara-se com um evento extraordinário inserido na cotidianidade (GREIMAS, 2002, p. 30), característica da estesia. Esse evento extraordinário, vale lembrar, é apreensível, na obra barriana, nas coisas aparentemente insignificantes do cotidiano a que o enunciador atribui importância.

Nos textos de Manoel de Barros encontramos ainda outras marcas da estesia, tais como a ruptura de isotopia semântica, que instaura uma fratura, o estatuto particular do objeto inserido na cotidianidade, segundo Greimas (2002, p. 30).

Devemos lembrar que o conceito de isotopia, em semiótica, foi um termo adotado da físico-química por Greimas para nomear as recorrências de categorias semânticas que tornam possível a homogeneidade do texto garantindo sua coerência (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 275-276). Por outro lado, há ruptura de isotopia, diz Bertrand (2003, p. 421), quando, por meio de conectores de isotopias (figuras de retórica como a metáfora e a metonímia), se instala “a coexistência competitiva de dois ou mais planos de significação simultaneamente oferecidos à interpretação”.

Com base no referencial teórico da semiótica francesa, aplicamos, pois, aos textos conceitos da semiótica *standard*, que tem como base o percurso gerativo de sentido, constituído por três níveis: 1) o *nível das estruturas fundamentais*, em que se encontram as oposições semânticas que estão na

base do texto; 2) o *nível das estruturas narrativas*, em que um dos termos da oposição semântica do nível fundamental é assumido como valor por um sujeito e 3) o *nível das estruturas discursivas*, em que há a projeção pelo enunciador de figuras que concretizam temas, de isotopias entre as quais se destacam as figuras dos atores, tempos e espaços que concretizam os actantes do nível narrativo (BARROS, 1990).

Tendo em vista a semiótica das paixões, é importante lembrar que esta surgiu da necessidade de explorar, além das dimensões cognitiva e pragmática, a dimensão patêmica dos textos. Para isto, arquitetou-se “uma semântica da dimensão passional nos discursos” (BERTRAND, 2003, p.357). Dessa forma, os sujeitos que operam as ações em busca de objetos-valores também vivenciam estados de alma. Assim, enquanto o percurso gerativo de sentido ocupa-se dos estados das coisas e, portanto, rege um fazer que leva à transformação de estados do sujeito em busca de objetos-valores que dão sentido a sua existência, a semiótica das paixões se ocupa dos estados de alma dos sujeitos que vivenciam paixões, entendidas como efeitos de sentido inscritos e codificados na linguagem (BERTRAND, 2003, p. 358).

Em semiótica das paixões há uma distinção entre discurso da paixão e discurso apaixonado. O primeiro se dá no enunciado em que a paixão é figurativizada pelos modos de ser e de fazer dos sujeitos nos discursos que representam o mundo, enquanto o segundo ocorre na enunciação quando nela se depreende o tom passional, a partir de marcas deixadas pelo enunciador no texto enunciado (FIORIN, 200, p. 6).

Com base nesses conceitos, sinteticamente aqui expostos, passamos à análise dos textos poéticos de Barros. O primeiro deles é “Poema”, que transcrevemos abaixo.

### **Do valor da insignificância: análise de “Poema”**

*A criação poética se inicia como violência sobre a linguagem. O primeiro ato dessa operação consiste no desenraizar das palavras.*  
(Octavio Paz, 1982)

Greimas (2002, p. 55-65), em *Da imperfeição*, ao analisar o conto “Continuidade dos parques”, de Julio Cortazár, observa que o texto se apresenta como o relato de uma experiência estética. É o que se nota em “Poema”, de Manoel de Barros, em que o enunciador reflete sobre o fazer poético.

### Poema

A poesia está guardada nas palavras – é tudo que eu sei.  
Meu fado é o de não saber quase tudo.  
Sobre o nada eu tenho profundidades.  
Não tenho conexões com a realidade.  
Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.  
Para mim poderoso é aquele que descobre as Insignificâncias (do mundo e as nossas).  
Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.  
Fiquei emocionado e chorei.  
Sou fraco para elogios. (BARROS, 2001, p. 19)

Pode-se notar que “Poema”, como o próprio título indica, é caracterizado pelo metadiscurso, uma vez que logo no primeiro verso o enunciador tece reflexões sobre a poesia. Assim, ele exalta nesse verso inicial do poema a palavra como lugar em que se pode encontrar a poesia: “A poesia está guardada nas palavras”. Tendo em vista as acepções da figura lexicômica “guardada”, observamos que a que mais se relaciona ao contexto do poema é aquela segundo a qual guardar tem como sinônimo “conservar, manter, guardar na memória” (FERREIRA, 2010, p. 1062).

Com base nessa acepção, nota-se que o enunciador considera que as virtualidades de sentido poéticas estão guardadas na memória das palavras da língua e tais virtualidades de sentido são as que ele explora em seu texto.

É importante destacar também que, nesse verso, o enunciador manifesta seu ponto de vista sobre a linguagem poética no presente da enunciação. Esse presente é o presente omnitemporal ou gnômico que, segundo Fiorin (1996, p. 150), é utilizado para enunciar “verdades eternas” e no qual o momento de referência, assim como o momento do acontecimento, é ilimitado. Nesse sentido, evidencia-se ao enunciatário,

simulacro do leitor, que o enunciador em “Poema” tem por meta enunciar uma verdade que se eterniza e essa verdade diz respeito a sua concepção de poesia e de vida.

No texto o enunciador reflete, por conseguinte, sobre o saber que detém sobre a palavra poética e também sobre o mundo, acerca do qual observa, a seguir, que sua competência é relativa. Assim, como sujeito cognitivo, revela que não tem um saber sobre quase tudo, mas sim, tem “profundidades sobre o nada”, desvelando-nos, desse modo, o fado que lhe estaria destinado como sujeito poético.

No entanto, as profundidades sobre o nada que o enunciador considera ser o seu parco saber sobre tudo, relacionam-se, na verdade, às coisas que têm significância para ele, como se observa nos versos: “Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro/ Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas)”.

Tais versos, em que ele categoricamente assume um ponto de vista sobre o poder, parecem contradizer o sentido do verso anterior em que ele afirma não ter “conexões com a realidade”. Na verdade, porém, tal “realidade” com a qual ele afirma não se conectar é aquela relacionada ao universo dos valores pragmáticos, das coisas que não têm significância para ele. Portanto, o que é significativo para o sujeito poético, aquilo a que ele atribui verdadeiramente valor, é o que para os outros é insignificante, destituído de valor. Sua competência diferencia-se, pois, da competência do outro, daquele que descobre ouro.

Assim, a figura “ouro”, metonímica, tematiza os valores de ordem pragmática a que ele não atribui importância, pois considera que sua competência, seu poder, de ordem cognitiva, consiste em atribuir valor às “insignificâncias do mundo e as nossas”.

Nesse aspecto, observando as figuras do texto, apreendem-se no poema dois percursos temático-figurativos antagônicos: o primeiro concretiza o tema relacionado ao universo de valores pragmáticos, recoberto pela figura “ouro”. O segundo concretiza o tema relativo ao universo de valores cognitivos que se manifesta por meio de figuras que compõem os versos “a poesia está guardada nas palavras – é tudo que eu sei”, “Sobre o nada eu tenho profundidades”.

Dessa perspectiva, o enunciador leva o enunciatário a refletir sobre o valor que se deve atribuir aos objetos-valores: aquilo que é eufórico para o sujeito poético é destituído de valor para o Outro, manifestado de forma generalizante e indeterminada na figura “elogiaram”, presente no verso “por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil”.

É importante ressaltar que o aparente paradoxo<sup>1</sup> que se manifesta no enunciado “me elogiaram de imbecil” se desfaz, na medida em que, para o sujeito poético, não faz sentido ter conexão com uma realidade em que os sujeitos valorizam o ouro. O enunciador considera, portanto, um elogio ser considerado um imbecil por aqueles que dão valor a objetos-valores pragmáticos.

Como o texto se denomina “Poema”, e seu primeiro verso faz alusão ao fato de as virtualidades de sentido poéticas contidas nas palavras serem consideradas o lugar da poesia, conclui-se: o enunciador, ao atribuir valor eufórico às “insignificâncias do mundo e as nossas”, leva o enunciatário a perceber que essas insignificâncias, verdadeiramente significantes para ele, constituem o tema de sua poesia.

### **Da carga modal diretriz: “Poema”: um discurso apaixonado**

O enunciador em “Poema” tece seus pontos de vista por meio de um discurso apaixonado, e o tom passional do texto se manifesta através da ironia. Assim, o que o enunciador afirma como aparentemente verdadeiro nos versos “Não tenho conexões com a realidade”, “Meu fado é o de não saber quase tudo”, “sobre o nada eu tenho profundidades” revela-se mentiroso para o enunciatário-leitor, tendo em vista o contexto do poema, onde se torna perceptível que, para ele, ser caracterizado como alienado, imbecil passa a ser um elogio.

Observamos, portanto, no texto em questão, um sujeito amorosamente apaixonado pelo fazer poético, cujos objetos modais são as palavras da língua e é por meio do trabalho com as palavras que ele alcança seu objeto valor que é a própria poesia. Modulado pela paixão amorosa pela palavra poética, o enunciador defende seu ponto de vista sobre o que é matéria de poesia: as “Insignificâncias (do mundo e as nossas)”, e assim, num discurso polêmico, confronta seus valores cognitivos com os valores pragmáticos estereotipados do Outro, indeterminado e generalizante, aqueles que o

elogiaram de imbecil. Tal postura revela um sujeito modulado pelo /saber ser/.

Portanto, em relação à modalização do ser, identificamos o saber como a carga modal diretriz que domina o querer e o poder-ser do sujeito. Nesse sentido, temos um sujeito de direito que, num tom passional, defende o lugar da palavra poética como forma de conhecimento sensível e crítico sobre o mundo, lugar onde se reflete sobre o verdadeiro valor que se deve atribuir aos objetos valores. Assim, o enunciador, por meio do fazer poético, tem o intento de sensibilizar o enunciatário-leitor acerca das “grandezas do ínfimo”, fazer que opera também no poema “Sobre importâncias”.

### **Da relatividade do valor dos valores: análise de “Sobre importâncias”**

*Depois de ter encontrado o Nada, encontrei a beleza.  
(Mallarmé, 1866)*

Em “Sobre importâncias”, a reflexão metadiscursiva sobre o fazer poético e a exaltação das grandezas do ínfimo são, como ocorre em “Poema”, temáticas recorrentes.

Uma rã se achava importante  
Porque o rio passava nas suas margens.  
O rio não teria grande importância para a rã  
Porque era o rio que estava ao pé dela.  
Pois Pois.  
Para um artista aquele ramo de luz sobre uma lata  
desterrada no canto de uma rua, talvez para um  
fotógrafo, aquele pingo de sol na lata seja mais  
importante do que o esplendor do sol nos oceanos.  
Pois Pois.  
Em Roma, o que mais me chamou atenção foi um  
prédio que ficava em frente das pombas.  
O prédio era de estilo bizantino do século IX.  
Colosso!  
Mas eu achei as pombas mais importantes do que o  
prédio.  
Agora, hoje, eu vi um sabiá pousado na Cordilheira  
dos Andes.



Achei o sabiá mais importante do que a Cordilheira dos Andes.

O pessoal falou: seu olhar é distorcido.

Eu, por certo, não saberei medir a importância das coisas: alguém sabe?

Eu só queria construir nadeiras para botar nas minhas palavras. (BARROS, 2001, p. 35)

O tema da valorização das grandezas do ínfimo já se manifesta nos três versos iniciais do poema. É interessante observar que o enunciador relata a experiência de uma rã que se considera tão importante que, apesar da extensão majestosa de um rio, ela é que o teria a sua margem, instaurando-se, pois, uma ruptura de isotopia que ocasiona uma fratura em relação ao senso comum. O quarto verso, que constitui um refrão do poema, “Pois Pois” ocorre posteriormente ao relato do enunciador sobre a importância da rã e indicia sua aquiescência com o ponto de vista do animal, ressaltando, desse modo, o tema relativo **à grandeza do ínfimo**.

Na segunda sequência de versos do texto, que se inicia, por conseguinte, com o relato da perspectiva da rã sobre a própria importância, outra ótica é escolhida pelo enunciador, a do artista, um fotógrafo, apresentada nos quatro versos posteriores ao refrão. Nesses versos, de forma metonímica, o enunciador tece a hipótese de que um “ramo de luz”, ou um “pingo de luz” sobre uma lata qualquer – a parte – seria mais valiosa para o artista que o todo: “o esplendor do sol nos oceanos”. Nesses versos, a consideração sobre o valor dos valores dependeria da ótica de observação, e o enunciador finaliza a tessitura dessa hipótese, retomando o refrão “Pois Pois”, que sugere que ele adota tal hipótese como ponto de vista.

Na terceira sequência de versos, o ponto de vista é do próprio enunciador que relata sua experiência pretérita em Roma em que o monumental, o colosso, o grandioso da arquitetura da cidade romana, manifesto na figura de um prédio bizantino do século IX – entre todos, o que mais lhe chamou a atenção – não foi, todavia, considerado por ele mais importante que as pombas em frente às quais o edifício ficava. É interessante observar que o primeiro plano de observação do enunciador incide sobre as pombas que, apesar de diminutas frente à monumentalidade

do prédio, são dotadas por ele de relevância maior, na medida em que o prédio é que ficava em frente às pombas e não o contrário.

Na quarta sequência de versos o enunciador descreve sua visão sobre um sabiá pousado na Cordilheira do Andes e, apesar da grandiosidade da cordilheira, ele novamente, atribui importância maior ao sabiá, ou seja, engrandece o ser diminuto. Esses versos enfatizam o ponto de vista que veio se tecendo ao longo do texto e que nesse momento se explicita por meio da enunciação enunciada. Segundo Fiorin (1996, p. 40), a enunciação enunciada “é a maneira pela qual o enunciador impõe ao enunciatário um ponto de vista sobre os acontecimentos. Assim ele reitera o tema do valor que se deve atribuir aos objetos-valores, dispondo as figuras no texto por meio da comparação<sup>2</sup> entre elementos grandiosos e diminutos, sempre enfatizando que a grandiosidade se manifesta nas coisas ínfimas e é a elas que ele atribui importância. Portanto, ao realçar o estatuto particular de objetos ínfimos inseridos na cotidianidade, o enunciador leva o enunciatário à apreensão estética.

Na última sequência de versos o enunciador ressalta inicialmente o ponto de vista do Outro sobre seu olhar, ou seja, sobre sua perspectiva acerca da importância das coisas do mundo no verso “O pessoal falou: seu olhar é distorcido”. Convém ressaltar que nesse verso ele atribui voz ao Outro, por meio da enunciação reportada. Dessa forma, sugere que seu olhar, da perspectiva do Outro, opera mudanças sobre o sentido do mundo, uma vez que distorcer se relaciona a algo cujo sentido foi mudado, transformado, conforme Ferreira (2010, p. 730).

Essa é a estratégia que o enunciador encontra para refletir sobre seu olhar acerca das coisas do mundo: um olhar que, por meio da palavra poética, tem por função distorcer a visão estereotipada do Outro sobre as coisas do mundo e, desse modo, provocar estranhamento no enunciatário, sensibilizando-o para o verdadeiro valor dos valores.

Assim, estabelece, também nesse poema, uma relação polêmica com o olhar do Outro sobre as coisas do mundo, como se revela na quinta e última sequência de versos que se inicia por um questionamento: “Eu, por certo, não saberei medir a importância das coisas: alguém sabe?” Com esse questionamento, o enunciador leva o enunciatário a refletir acerca da relatividade do valor que se deve atribuir às coisas do mundo, sugerindo,

dessa forma, que, enquanto o Outro teria uma opinião formada, categórica sobre a “importância das coisas”, ele observa que seria modalizado pela incerteza, pelo não saber, manifesto em “não saberei”. Vale lembrar que, em outros momentos do texto ele utiliza essa estratégia que reitera sua incerteza sobre a importância das coisas do mundo, como por exemplo, através da repetição da figura lexicativa “achei”, presente duas vezes no poema, assim como pelo uso que faz do advérbio “talvez”, ambos também marcados pela incerteza.

Por outro lado, como o poema se fecha com os seguintes versos “Eu só queria construir nadeiras para botar/ nas minhas palavras”, conclui-se que o enunciador, ao criar o neologismo “nadeiras”, remete o enunciatário novamente aos dois temas que enfatiza nos poemas em análise.

O primeiro tema, a reflexão metadiscursiva sobre o fazer poético, relaciona-se à figura “nadeiras”, na medida em que esta, ao provocar estranhamento no enunciatário leitor, leva-o a perceber que a palavra, esvaziada de sentidos relacionados aos semantismos da língua, estereotipados pelo uso, é que estaria pronta para ser enriquecida por matizes de significação poéticos do ponto de vista do enunciador.

Esses matizes de significação poéticos é que, por sua vez, teriam a função de realçar as grandezas e a importância do ínfimo, segundo tema presente também nesse poema e que se manifesta por meio da revelação do objeto de desejo do enunciador. Logo, a figura “nadeiras” não só provoca estranhamento no enunciatário, por se configurar como um neologismo inusitado, como recobre o tema das grandezas do ínfimo, na medida em que se revela um objeto de desejo do enunciador poeta, manipulado por um querer: transformar em palavra poética o que é da ordem da insignificância. Evidencia-se, pois, que suas palavras metonimicamente remetem ao fazer poético.

### **O discurso apaixonado em “Sobre importâncias”**

Modulado pela paixão amorosa pela palavra poética, o enunciador em “Sobre importâncias”, assim como em “Poema”, utiliza como estratégia enunciativa o jogo entre pontos de vista diferentes para, por meio da polifonia, exercer seu fazer persuasivo sobre o enunciatário. Dessa forma, também através da ironia, intenta reverter o ponto de vista negativo do

Outro sobre seu olhar, como se observa no verso: “O pessoal falou: seu olhar é distorcido”, sugerindo ao enunciatório leitor que é essa distorção que, de sua perspectiva, configura o fazer poético.

Desse modo, o enunciador tem por objetivo romper com a visão categórica acerca da importância das coisas do mundo estabelecidas pelo olhar do Outro, o qual tece um juízo negativo sobre o seu olhar. Nesse sentido, nos versos, “Eu, por certo, não saberei medir a importância das coisas: alguém sabe?”, a figura do Outro, representado por esse alguém indefinido, alude a esse Outro, moralizador social, cujo olhar estereotipado o enunciador tem por intenção questionar.

### **Considerações finais**

Ao analisarmos “Poema” e “Sobre importâncias” percebemos identidades e diferenças entre os textos. Uma das diferenças está na forma como o enunciador constrói a reflexão sobre o valor que se deve atribuir aos valores. Em “Poema”, manifesta-se uma oposição semântica entre significância e insignificância. Enquanto a figura ouro, para o enunciador, se associa ao termo da oposição fundamental insignificância, que é disfórica, as “insignificâncias” (as do mundo e as nossas) são dotadas de valor eufórico.

Já em “Sobre importâncias” nota-se uma gradação tensiva em termos de valor, na medida em que tudo é dotado de importância: a diferenciação está na intensidade desse valor que se revela por meio do comparativo de superioridade, recurso de que o enunciador se utiliza por três vezes no poema para realçar as “grandezas do ínfimo”. Nesse aspecto, o enunciador relativiza o valor que se deve atribuir aos valores do mundo, engrandecendo o que é da ordem da insignificância.

Em “Poema”, identificamos um enunciador que reflete sobre o fazer poético e observa que não tem competência relativa ao fazer pragmático sobre o mundo, contrapondo seu saber ao saber do Outro que o sanciona de forma negativa por essa incompetência. No entanto, o enunciador é irônico, pois o que ele diz no enunciado, aparentemente assumindo a incompetência que o Outro lhe atribui, é negado na enunciação em que revela que seu saber é, na verdade, sobre a palavra poética onde a poesia e o mundo estão armazenados. Desse modo, leva o enunciatório a apreender seu discurso apaixonado pela palavra poética.

Ambos os poemas tratam da relação polêmica entre o olhar do eu enunciador e o olhar do Outro. Em ambos o enunciador desvela sua paixão pelas coisas diminutas, as “nadeiras”, neologismo que manifesta seu foco voltado para a palavra poética, tendo por desejo, desprovê-la de semantismos relacionados ao senso comum, com a finalidade de dotá-la de matizes poéticos, por meio de seu **olhar distorcido**, para, assim, poder realçar as “grandezas do ínfimo”.

Nos textos encontramos marcas da estesia, tais como as rupturas com isotopias semânticas estereotipadas que instauram fraturas em relação ao lugar-comum.

Desse modo, concluímos que o enunciatário-leitor, ao entrar em contato com os textos de Manoel de Barros se depara com “eventos extraordinários enquadrados na cotidianidade”, na medida em que as grandezas que o enunciador apreende nas coisas aparentemente insignificantes do mundo é que constituem a matéria de sua poesia e para as quais ele atribui valor. Nesse sentido, são as insignificâncias do mundo que ele alça à condição de eventos extraordinários.

---

## Notas

<sup>1</sup> Nesse aspecto a poesia de Manoel de Barros revela influências do precursor da modernidade, Charles Baudelaire, que segundo Friedrich (1978, p.46), apresenta como uma de suas características a dissonância permitida pelo oxímoro, ou seja, pela aproximação de elementos normalmente incompatíveis.

<sup>2</sup> Para Friedrich (1978, p. 18), na poesia moderna a comparação e a metáfora são aplicadas de uma nova maneira que evita o termo de comparação natural e força uma reunião irreal daquilo que é real e logicamente é inconciliável. Parece-nos que é dessa forma que Barros tece as comparações no poema “Sobre importâncias” para provocar estranhamento no enunciatário leitor e chamar atenção para a mensagem.

## REFERÊNCIAS

ABRIATA, V. L. R. “A estesia e a circulação de textos poéticos brasileiros modernos e contemporâneos”. In: ABRIATA, V.L.R; CÂMARA, N.S;

- GONÇALVES, M.G.; SCHWARTZMANN, M.N. (Org.). *Leitura: a circulação de discursos na contemporaneidade*. Franca: UNIFRAN, 2013.
- BARROS, D. L. P. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.
- BARROS, M. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- BARROS, M. *Tratado geral das grandezas do ínfimo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Trad. Grupo CASA. Bauru, SP: Edusc, 2003.
- CAMPOS, M.G.A. *Manoel de Barros: o demiurgo das terras encharcadas. – Educação pela vivência do chão –*. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.
- FERREIRA, A.B.H. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação*. As categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.
- FIORIN, J. L. Semiótica das paixões: o ressentimento. *Alfa* (ILCSE/UNESP), v. 51, p. 9-22, 2007. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1424>. Acesso em: 11 de maio 2015.
- FRIEDRICH, H. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- GREIMAS, A. J. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker, 2002.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões*. Dos estados de coisa aos estados de alma. São Paulo: Ática, 1993.
- PAZ, O. *O arvo e a lira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.